

RESENHA CRÍTICA

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.192 p.

MICHEL FOUCAULT: BASES FILOSÓFICAS PARA A EDUCAÇÃO

Daniella Couto Lôbo¹

Nas duas últimas décadas, Veiga-Neto tem publicado diversos estudos sobre as contribuições de Michel Foucault para o campo da Educação. No livro *Foucault e a Educação* (2004), o autor apresenta uma síntese dos trabalhos que tem feito, especialmente dos estudos sobre este filósofo.

Neste livro, Veiga-Neto apresenta de forma didática e clara as contribuições da obra de Foucault às pesquisas da área da educação, bem como explicitando alguns questionamentos e possibilidades inerentes ao trabalho de pesquisador.

Foucault e a Educação (2004) é uma obra organizada em 05 partes. Na primeira delas, nomeada: *Situando*, Veiga-Neto apresenta o lugar dos estudos de Michel Foucault na sociedade contemporânea. Analisa o autor que Foucault é “[...] aquele que melhor nos mostrou como as práticas e saberes vêm funcionando, nos últimos quatro séculos, para fabricar a Modernidade e o assim chamado *sujeito moderno*” (VEIGA-NETO, 2004, p.15).

Com base em suas pesquisas, o filósofo construiu aportes teóricos que têm auxiliado outros estudiosos em suas análises de diferentes áreas do campo social e educacional. Percebe-se em seus estudos que não há nenhum método analítico definido e sim teorizações organizadas em três domínios: o arqueológico, o genealógico e o ético (tecnologias do eu) – que Foucault buscou, principalmente, nas teses de Nietzsche, Marx e Freud.

¹ Doutoranda em Educação e Pedagoga pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Professora na Escola de Formação de Professores e Humanidades no Curso de Pedagogia (PUCGOIÁS) e na Faculdade Araguaia.

Veiga-Neto esclarece que Foucault não tinha a intenção de inaugurar um sistema ou uma teoria, mas desejava antes proporcionar liberdade à filosofia. O “[...] que o move é, no fundo, uma permanente suspeita; suspeita que se contorce e volta até mesmo contra a própria filosofia e sua militância política, como se ele quisesse se libertar até de si mesmo” (VEIGA-NETO, 2004, p. 25).

Dessa maneira, a liberdade é exercida por meio da crítica, de uma crítica que possibilita o caminho da mudança do sujeito, a transformação de suas atitudes constitutivas, éticas e morais. Estaria aí a atitude limite referida por Foucault que é a negação, a permanente reflexão e a constante verificação.

Salienta Veiga Neto (2004) que para compreender os estudos de Foucault é necessário ouvi-lo sobre suas bases filosóficas e que o acesso aos estudos do autor tem se tornado mais amplo, já que a cada ano suas obras, entrevistas e conferências têm sido traduzidas para a língua portuguesa.

Veiga-Neto (2004) intitula a segunda parte do livro de “*domínios foucaultianos*”, organizada em quatro capítulos. No decorrer destes, o autor explicita as dificuldades enfrentadas na tentativa de sistematização dos estudos de Foucault, que, de forma geral, são identificados em três fases: arqueologia, genealogia e ética.

Alerta, ainda, que quanto mais se aprofundam os estudos da obra desse filósofo mais se tem a convicção da dificuldade de propor uma cronologia condizente às suas produções. Miguel Morey encontrou uma saída, segundo Veiga-Neto (2004), dividindo a produção acadêmica de Foucault em três grandes períodos ligados à ontologia histórica e nomeados como: o *ser-saber*, o *ser-poder* e o *ser-consigo*.

O primeiro domínio é o *ser-saber*, faz parte dos estudos arqueológicos de Foucault em que o autor examina os saberes existentes e suas transformações a partir do século XVI. Nessa perspectiva, a transformação desses saberes levou ao surgimento de três grandes ciências: a linguística, a biologia e a economia, que compõem uma das faces do sujeito moderno. Para “[...] Foucault, o sujeito moderno não está na origem dos saberes; ele não é um produtor de saberes, mas, ao contrário, ele é um produto dos saberes. Ou, talvez melhor, o sujeito não é produtor, mas é produzido no interior de saberes” (VEIGA-NETO, 2004, p. 53).

Com esse entendimento, a arqueologia, ao questionar o surgimento de um saber, tem o objetivo de analisar suas transformações e se propõe fazer uma “investigação mais profunda do que a empreendida pela própria ciência” (VEIGA-NETO, 2004, p. 58). A arqueologia quer compreender as relações internas e externas que compõem os discursos dos objetos pesquisados e “escava” nas suas profundezas, indo além da superfície, na tentativa de captar as correlações e interpretações de um campo do saber.

No segundo domínio, o *ser-poder*, Foucault investiga os processos que compõem as redes de poderes na sociedade, sendo a obra *Vigiar e Punir* considerada o marco inicial da sua fase genealógica. Dessa maneira, “[...] o que passa a interessar a Foucault, então, é o poder enquanto elemento capaz de explicar como se produzem os saberes e como nos constituímos na articulação de ambos” (VEIGA-NETO, 2004, p. 66).

Ao estudar as mudanças nas instituições, o filósofo historiciza os diversos processos disciplinares que foram constituídos nas chamadas instituições de sequestro (prisão, escola, hospital, quartel, asilo). A partir do século XVII, os suplícios, as violências corporais e os castigos físicos se converteram em formas de dominação, vigilância e docilização do corpo e da alma na modernidade.

Em *Vigiar e Punir* e em outros livros de sua fase genealógica, o autor recorreu a pergaminhos, manuscritos e arquivos de jornais com o intuito de captar as diferentes formas de exercício de poder em sua dimensão microfísica. Veiga-Neto (2004) esclarece, ainda, que, ao buscar o modelo arquitetônico de prisão de Jeremy Bentham (1791) – o *panopticon*, Foucault mostrou como a vigilância permanente dá sustentação às formas de controle e punição sobre os indivíduos.

O poder disciplinar aliado às tecnologias de vigilância tem como objetivo fabricar corpos dóceis. Nesse sentido, a escola, como instituição de sequestro ao longo dos séculos, “encarregou-se de operar as individualizações disciplinares, engendrando novas subjetividades e, com isso, cumpriu um papel decisivo na constituição da sociedade moderna” (VEIGA-NETO, 2004, p. 84).

Outro tema de Foucault abordado por Veiga-Neto (2004) é o biopoder, que pode assim ser definido como um poder que não substituiu o poder

disciplinar, mas que agregou a ele as tecnologias da vigilância para o controle da população. Ao utilizar mecanismos de regulamentação da vida coletiva, “[...] o biopoder faz uma biopolítica da espécie humana” (VEIGA-NETO, 2004, p. 87).

O *ser-consigo*, terceiro domínio dos estudos de Foucault, faz parte dos últimos escritos, nos quais o autor investiga a ética no mundo ocidental, por meio da relação de cada um consigo. Esta constitui a terceira fase das análises de Foucault e é composta pelos “[...] volumes 2 e 3 de *História da Sexualidade – uso dos prazeres* e *O cuidado de si* – publicados pouco mais de um mês antes da morte de Foucault, em 1984” (VEIGA-NETO, 2004, p. 36).

O objetivo do filósofo era investigar a sexualidade no século XIX. Para tanto, recorreu à história da sexualidade na antiguidade greco-romana para compreender a dimensão ética e moral do homem na era da modernidade. A intenção de Foucault “[...] não é fazer uma história sobre uma prática em si, mas estudar as práticas (discursivas ou não) para, olhando-as de fora, descobrir os regimes que as constituem e são por elas constituídos” (VEIGA-NETO, 2004, p. 98).

A última parte do livro, nomeada de *temas foucaultianos*, está organizada em três capítulos. Veiga-Neto (2004) expõe as temáticas do sujeito, da linguagem, do discurso e do poder-saber. Entre essas temáticas, destaca-se a linguagem, para o estudioso, ela faz parte da construção do sujeito e é o que dá sentido às situações e experiências da vida. É certo que, desde a tenra idade, se vive num mundo que possui uma linguagem e esses discursos vão nos constituir como sujeitos.

Como explicita Veiga Neto (2004, p. 110), para Foucault,

[...] o sujeito de um discurso não é a origem individual e autônoma de um ato que traz à luz os enunciados desse discurso; ele não é o dono de uma intenção educativa, como se fosse capaz de se posicionar de fora desse discurso para sobre ele falar.

Assim, o conhecimento é reconhecido como “produto de discursos” e fruto de aspectos contingentes e subjetivos.

Em síntese, compreende-se que Veiga-Neto (2004), ao expor a definição de arquivo, o apresenta como um conjunto de discursos cujos conteúdos são

outorgados como verdadeiros e a episteme, nesse sentido, seriam regras que guiam a produção desses discursos. Para Foucault, a episteme “[...] designa um conjunto de condições, de princípios, de enunciados e regras que regem sua distribuição, que funcionam como condições de possibilidade para que algo seja pensado numa determinada época” (p.115).

Na conferência intitulada como a Ordem do discurso (1970)², Foucault apresentou diversos elementos que contribuem para regulação, controle, seleção, organização e distribuição do que pode ser dito ou não. Nesse contexto, “[...] os discursos não descobrem verdades, senão as inventam” (VEIGA-NETO, 2011, p. 104). Os discursos acionam os dispositivos de poder presentes no tecido social e os colocam em ação num jogo complexo, cabendo ao filósofo mais que decifrar os discursos, mas desvelar e compreender quais posições têm os sujeitos que apresentam esses enunciados em sua exterioridade.

A essa discussão, agrega-se a noção de sujeito na perspectiva foucaultiana. Foucault dedicou seus estudos ao entendimento da(s) maneira(s) como cada um torna-se um sujeito moderno. Veiga-Neto (2004) sustenta que o próprio filósofo dividiu em três modos a subjetivação de tornar os humanos em sujeitos: a arqueologia, a genealogia e a ética.

Para Foucault, o homem nasce, primeiramente, para a arqueologia, tornando-se objeto de um saber. Em seguida, não de forma linear, nasce o homem para o poder, por meio da genealogia. Por fim, o homem nasce para a ética, por meio da relação de cada um consigo. Esta constitui a terceira fase das análises de Foucault, composta pelos “[...] volumes 2 e 3 de *História da Sexualidade – uso dos prazeres e O cuidado de si*” (VEIGA-NETO, 2004, p. 36).

A quarta parte do livro – *Tempos e lugares foucaultianos* – apresenta uma biografia com uma breve síntese da vida e os estudos de Foucault; no último capítulo, traz uma lista de *sites* para pesquisa sobre os trabalhos do filósofo.

² Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 23 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013b. (Leituras Filosóficas).

Os estudos foucaultianos contribuem para o descortinamento dos discursos, das relações existentes entre o poder e o saber presentes no ambiente da escola e na sociedade. Ao disponibilizar essa “caixa de ferramentas”, ajuda na compreensão das contradições e antinomias presentes numa sociedade nomeada pelo próprio filósofo como disciplinar, afirmando que não há sociedade sem relações de poder, numa lógica que caracteriza a natureza microfísica do poder que está presente em todos os lugares e não ancorado em uma instituição.

Os estudos de Foucault são pertinentes aos pesquisadores do campo da educação, visto que sinalizam a existência de práticas adestradoras instituídas na sociedade, que levam à conformação e docilização do corpo e da alma. Uma questão para ser pensada é a compreensão do que está por trás dos discursos empreendidos pela sociedade, e sobre a lógica da docilização dos corpos, contida na educação, a fim de adequá-los à sociedade disciplinar.

Veiga-Neto, ao sistematizar e publicar o livro *Foucault e a Educação* (2011), trouxe um panorama dos estudos desse importante filósofo. Consta, também, no final de cada capítulo, a indicação de diversas referências bibliográficas comentadas pelo autor.

Recebido em 16 de junho de 2015.
Aprovado em 19 de junho de 2015